

WILLIAMS, H. (Ed.) *Archaeologies of Remembrance. Death and memory in past societies*. New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers. 2003. (Papers from a conference session the Theoretical Archaeology Group conference held in December - 2000 at St. Catherin's College. Oxford). 310 pp. ISBN 0-306-47451-4

Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva\*

**A**rchaeologies of Remembrance, editado por Howard Willians, palestrante da School of History and Archaeology da Cardiff University, em Wales, reúne 13 artigos derivados de *papers* apresentados em uma das conferências do TAG - Theoretical Archaeology Group, em dezembro de 2000, no St. Catherin's College, Oxford. Organizada pelo autor, a conferência "Death, memory and material culture" discute temas voltados à reutilização de construções medievais, sobre a lembrança, memória e a morte relacionadas aos monumentos arqueológicos históricos e pré-históricos. Discussões semelhantes já haviam sido realizadas nas sessões do TAG em 1997, organizada pelo editor, e 1998, por Richard Hingley.

Este volume explora as relações entre morte, memória e cultura material do passado, através do estudo dos remanescentes materiais das práticas funerárias. Os dados arqueológicos são primordiais para a compreensão da importância da cultura material como elemento orquestrador e comunicador de lembranças e memórias dos mortos em muitas sociedades, tanto no passado quanto no presente. Através do engajamento com a materialidade e as práticas relacionadas com a morte em sociedades passadas, os arqueólogos, eventualmente, adquirem claras posições para propiciar importantes contribuições sobre a cultura e a memória social na arte e nas ciências sociais.

Em pleno séc. XXI, o interesse dos arqueólogos pela arqueologia funerária representa uma forma de estudar os ritos funerários de sociedades antigas com o objetivo de, segundo Willians, *construir e reproduzir* o passado. A participação em massa de jovens estudantes, professores e pesquisadores associados e palestrantes fica expressa neste trabalho. Revela-se a importância da morte e dos ancestrais na vida religiosa, econômica e sócio-política, assim como o estatuto específico da cultura material como agente de intercâmbio entre morte e lembrança social.

Alguns dos artigos discutem a questão da monumentalidade e da vida após a morte ou sobre a reutilização de monumentos na *reconstrução* de memórias sociais. São tratados temas relacionados aos arqueólogos nas últimas décadas, particularmente nos campos da arqueologia medieval e pré-histórica.

As discussões sobre monumentalidade e reutilização de monumentos expressam como a cultura material pode ajudar na percepção e no engajamento com o passado dentro do próprio passado. Tornam-se úteis os estudos dos vários níveis de práticas, tecnologias e performances empregadas durante e após os rituais funerários, em que as memórias são comunicadas, inscritas e incorporadas. Incluem-se os preparativos fúnebres, o transporte e os métodos de deposição e de dispor dos corpos, como a cremação, inumação, descarnamento, evisceração, entre outros; a localização e disposição espacial das sepulturas e das áreas cemiteriais e a cultura material depositada com o morto. Discussões abstratas sobre os rituais, a monumentalidade e os ancestrais têm constituído um lugar comum na pesquisa arqueológica, trazendo foco

(\*)Professor de Metodologia da Pesquisa Científica e de Arqueologia Forense da Academia de Polícia de São Paulo; Mestre e Doutor em Arqueologia pelo MAE-USP. [sergiomonteiroarq@yahoo.com.br](mailto:sergiomonteiroarq@yahoo.com.br).

especificamente sobre a importância dos rituais funerários no processo de relacionamento entre os vivos e a morte no passado. O estudo das práticas funerárias em muitas sociedades passadas é um primeiro foco através do qual as pessoas do passado podem ser compreendidas quanto às suas memórias e identidades de grupo, seus sentidos de personalidade, comunidade e história, através dos estudos da cultura material.

Neste volume são incorporadas sociedades distintas cronológica e geograficamente, desde sociedades neolíticas até as do século XX. São identificadas e exploradas numerosas estratégias de comemoração, incluindo a construção de monumentos, reutilização dos mesmos e de objetos, uso do espaço, de tecnologias de fragmentação e transformação, sacrifícios rituais e oferendas funerárias. A arqueologia de Howard Williams é uma prática de identificação dos meios oferecidos pela cultura material para a construção de memórias sociais em sociedades do século XIX aos dias atuais. Nessa perspectiva, o livro procura apresentar as perspectivas teóricas e os temas que têm sido empregados em interpretações da arqueologia funerária para o delineamento de debates recentes em arqueologia como ciência social, particularmente na sua relação com a antropologia e a sociologia.

Os estudos arqueológicos sobre a morte, memória e cultura material, vistos sinergeticamente, podem contribuir para futuras discussões interdisciplinares. Embora o interesse da arqueologia pela morte e as sepulturas seja de longa data, como destaca Williams nas frases do antiquário do século XVII, Sir Thomas Browne, a preservação da memória através do tempo pode ser estudada em populações pré-históricas e históricas, incluindo a perspectiva da história do presente. Evidentemente, Williams destaca a importância da interdisciplinaridade sob a perspectiva antropológica, sociológica e histórica e a sua importância nos estudos arqueológicos que incluem as relações entre morte, memória ou lembrança e cultura material. Os autores irão discutir de forma velada a conceituação de memória e de lembrança e suas relações de

significância quanto aos objetos de cultura material.

São retomadas as perspectivas da antropologia da morte, as perspectivas sociológicas sobre a morte e a memória, a história da morte e da memória. O Neolítico e a Idade do Bronze têm sido focos de discussões recentes sobre monumentalidade, temporalidade e memória. Os monumentos, sua localização, materialidade e desenvolvimento (uso e re-uso) desempenham um papel na construção e reprodução de cosmologias e estruturas sociais nas sociedades neolíticas pelos vivos e sua ligação com o passado e seus ancestrais.

Os artigos de *Archaeologies of Remembrance* ilustram as diferenças e as diversas perspectivas através das quais os vestígios arqueológicos podem ser investigados e interpretados em relação à memória social. Um nível das práticas das sociedades passadas está implícito na relembração. A fragmentação de objetos, as tecnologias empregadas para transformar o cadáver e as vestes e oferendas funerárias são igualmente importantes como práticas mnêmicas. Seria possível compreender e explorar a invenção, reprodução e experiência do passado em sociedades antigas através de uma arqueologia da morte e dos sepultamentos, um novo e excitante caminho?

Tilley (1996), Hodder (1984, 1986), Humphreys e King (1981) e Childe (1940, 1945, 1949) são ressuscitados nos primeiros três artigos, em algumas de suas obras seminais. Outros textos ainda mais significativos na temática em questão incluem as perspectivas arqueológica e antropológica, histórica e etnológica, representados por Chapman (2000), Le Goff (1992), Shanks e Tilley (1982) e Küchler (1988, 1993).

Entre os artigos constantes do volume temos a introdução do próprio Howard Williams, na qual ele ilustra as relações entre a Arqueologia da Morte, a memória e a cultura material, em sintonia imediata com a conferência de 2000, do TAG; o artigo de Vicki Cummings, pesquisador associado da School of History and Archaeology da Cardiff University (Wales), *Building from Memory (Remembering the past at Neolithic monuments in western Britain)*

sugere que os níveis de memória podem ser cruciais para a criação e subsequente uso de tumbas cobertas na Bretanha (de 4.000 a 2.500 BC) e que esses monumentos são “fragmentos de memória” quando servem para ativar memórias de lugares distantes e foram criados em um rico contexto de pensamentos, memórias e mitologias. Nesses casos, a identificação de elementos arquitetônicos comuns indica experiências e pontos de origem comuns. Estruturas arquitetônicas refletem memórias arquetípicas que se estendem no tempo e no espaço. Mesmo tendo sido construídas em topografias locais específicas, dentro de esquemas locais definidos, referem-se a memórias arquetípicas e experiências dos mais distantes lugares.

O pesquisador da School of Art, History and Archaeology da University of Manchester (UK), Chris Fowler, no capítulo 3, escreve *Rates of (Ex)change (Decay and growth, memory and the transformation of the dead in early Neolithic southern Britain)*. Mudanças graduais e de incremento foram aplicadas a cada tipo de corpo (ecofatos e/ou artefatos). As transformações repetidas sobre esses corpos deixados pelos vivos dos seus mundos materiais e de habitação, suas conexões com a morte e com os outros corpos incluem também os monumentos. Esses atos transformativos expressam as características das identidades sociais e formam o espaço através do qual elas podem ser revisitadas. O artigo de Andrew Jones, palestrante do Departamento de Arqueologia da University of Southampton (UK), *Technologies of Remembrance (Memory, materiality and identity in Early Bronze Age Scotland)*, sugere que a produção tecnológica está aliada à criação de memórias coletivas e sequências de artefatos e produção de monumentos são um dos modos de promover certas formas de lembranças que são, ao seu modo, constituídas de narrativas de identidade específicas. Nesse estudo de caso, Jones explora a estrutura e sequência do uso de monumentos, sítios funerários, arte rupestre e o modo de produção e deposição dos artefatos em diferentes regiões da Escócia da Idade do Bronze para sugerir que eles relacionam-se a diferentes expressões de lembrança e identidade social. A lembrança coletiva envolve “remembering

together”, através de uma re-coleção criativa de memórias coletivas, expondo os diferentes modos de criação de identidades e as suas relações com a cultura material. Para ele, o exame da natureza específica das práticas mortuárias pode nos levar à compreensão de como as memórias são expressas materialmente e de como os funerais podem ser compreendidos em seus espaços na sociedade através dessas expressões.

Mike Williams escreve *Tales from the Dead (Remembering the Bog Bodies in the Iron Age of North-Western Europe)*, sobre 22 corpos preservados nos pântanos (bog bodies), da Idade do Ferro no norte-noroeste da Europa (Dinamarca, Irlanda, Alemanha, Inglaterra, Holanda). A ideia de performances teatrais de punições e sacrifícios pode ser justaposta à ideia de xamãs (como na Eurásia), cujas mortes foram dramaticamente apresentadas e o seu retorno do mundo do além evitado. O autor delimita evidências de injúrias em 15 corpos (estrangulamento, cortes, lesões cranianas, outras lesões), posições dos corpos e a ocorrência de fixação de 9 corpos em pântanos com blocos líticos e/ou madeiras. As mortes comuns e os ritos funerários da Idade do Ferro indicam diferentes pessoas associadas a diferentes mortes, com lesões cranianas severas, evisceração, escarpelamento. Em todos os casos, a comunidade deixou suas memórias para a eternidade.

Valerie M. Hope, palestrante do Departamento de Estudos Clássicos da Open University (UK), escreve *Remembering Rome (Memory, funerary monuments and the Roman soldier)*. Ilustra estratégias de memória empregadas no mundo romano, focando especificamente os monumentos funerários e os cemitérios. Através de um estudo de caso de túmulos da segunda legião augustiniana, são apresentados exemplos (lembranças rituais, textuais, visuais de memoriais funerários e tumbas de pedra) de como os cemitérios militares serviram para promover as memórias individuais e coletivas. Foram exemplificadas 34 tumbas de pedra de soldados e veteranos da *legio II Augusta*, entre os séculos III AD a I BC.

Hella Eckardt, da University of Leicester e Howard Williams apresentam *Objects without a*

*Past? (The use of Roman objects in early Anglo-Saxon graves)*. Os objetos, possuidores de histórias sociais, podem ser reutilizados de contextos sistêmicos diferentes. No caso das covas deixadas pelas primeiras comunidades medievais anglo-saxônicas junto de uma vila romana, estudadas pelos autores, a reutilização ocasional de objetos romanos retirados de antigos assentamentos abandonados apresenta aspectos práticos ou significados mágicos. Nos contextos funerários de deposição, os objetos antigos (amuletos, broches, moedas perfuradas – pendentes, contas de âmbar e vidro, balança de cobre, urnas cinerárias) foram utilizados (reciclados) pelos seus valores práticos (new fashions) e mágicos nas estratégias de relembração pela construção de memórias sociais. Não representam a apropriação de um passado especificamente romano, mas de um passado capaz de fornecer identidade e memória aos mortos de uma comunidade medieval.

Os efeitos dos estudos de biografias de artefatos para a nossa compreensão dos eventos da história recente, inscritos em pedras – estelas –, produzem esclarecimentos sobre os iconoclastas cristãos. Essas inscrições, de significado social e religioso, expressam a memória do poder e autoridade secular da Igreja medieval no artigo de Gareth Longden, *Iconoclasm, Belief and Memory in Early Medieval Wales*. Seguindo essa temática, David Petts em *Memories in Stone (Changing strategies and contexts of remembrance in early medieval Wales)*, estuda as formas de comemoração funerária na Wales medieval. Os primeiros focos de memoriais comemorativos estão fisicamente próximos dos cemitérios, relacionando os sepultamentos com a memória dos mortos. Todas as classes de monumentos estudados por Longden serviam para comemorações funerárias e refletiam mudanças em relação à localização espacial do morto e estratégias de relembração.

Ainda, na mesma temática das comemorações funerárias em monumentos, Victoria Thompson, em *Memory, Salvation and Ambiguity (A Consideration of Anglo-Scandinavian Grave-Stones from York)*, discorre sobre um pequeno grupo de estelas funerárias da York Metropolitan School, datadas dos séculos IX e X, sugerindo contextos

literários e históricos para ele. Reconsidera a função desses monumentos funerários questionando seu emprego para comemorações individuais específicas ou para a proteção do cadáver após transformações físicas e espirituais.

A partir das escavações realizadas em três casas religiosas, de Sandwell Priory (Benedictinos), Bordesley Abbey (Cistercianos) e Carmarthen Greyfriars (Franciscanos), Howard Williams retoma seus estudos sobre morte, materialidade e memória durante a alta Idade Média. Relaciona os estudos das covas, sua localização, monumentalidade, estratigrafia e situação em relação com o espaço da igreja, procurando evidenciar que as estratégias de relembração e lembrança apresentam muitos componentes materiais. Os monastérios não são espaços onde somente as memórias da elite patronal são estocadas e inscritas, mas contextos nos quais as relações entre os vivos e os mortos transformaram-se em performances e foram incorporadas através de práticas rituais e o uso da cultura material. Nesse aspecto, Williams acredita ser possível, através da arqueologia, isolar e desenvolver estudos sobre as dimensões sociais e sagradas da relembração simultânea de patronados (famílias poderosas) e comunidades monásticas durante a alta Idade Média.

Bonnie Effros, da State University of New York, em Binghamton, no artigo *Memories of the Early Medieval Past (Grave Artefacts in Nineteenth-Century France and Early Twentieth-Century America)*, explora as possibilidades do estudo dos numerosos cemitérios medievais e a cultura material associada a eles, descobertos durante o período de industrialização da França, no séc. XIX, com a abertura de estradas e novas construções. Essas descobertas contribuem com o debate sobre a história da França e as identidades dos seus habitantes através do estudo de um grande número de acompanhamentos funerários preservado em coleções privadas e de museus públicos. Para Effros, não somente tais artefatos, desmembrados de seus contextos funerários, são importantes para a história da França e a compreensão da Idade Média, mas transformam-se em símbolos de sofisticação e refinamento desses colecionadores modernos, preocupados com as qualidades estéticas desses objetos.

Na concepção de que monumentos são evocações que nos remetem a quem e quando, em populações neolíticas, lembrava suas gerações anteriores, Cornelius Holtorf, de Estocolmo, retoma o sítio de morte e memória da ilha de Orust na costa oeste da Suécia. Segundo ele, a morte não ocorre só na pré-história e o local de memória não está somente conectado com o cemitério neolítico: em um segundo monumento, distante alguns

metros está um memorial em pedra do arqueólogo Gabriel Wilhelm Ekman, que faleceu escavando o sítio funerário em 20 de setembro de 1915. Esse artigo discorre sobre o cemitério neolítico considerando a história recente da morte de Ekman e sua vida cotidiana como arqueólogo e amante. Tanto o sujeito-objeto quanto o objeto-sujeito da arqueologia podem ter suas lembranças historiadas lado a lado!

### Referências bibliográficas

- CHAPMAN, J.  
2000 *Fragmentation in Archaeology*. London: Routledge.
- CHILDE, V.G.  
1940 *Prehistoric communities of the British Isles*. Edinburg: Edinburg University Press.  
1945 Directional Changes in Funerary Practices during 50,000 Years. *Man*, 4: 13-18  
1949 The origin of Neolithic culture in northern Europe. *Antiquity*, 23: 129-35.
- HODDER, I.  
1984 Burials, houses, women and men in the European Neolithic. In: Miller, D.; Tilley, C. (Eds.) *Ideology, power and prehistory*. Cambridge, Cambridge University Press: 51-68.  
1986 *Reading the Past*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUMPHREYS, S.C.; KING, H. (Eds.)  
1981 *Mortality and Immortality*. London: Academic Press.
- KÜCHLER, S.  
1988 Malangan: objects, sacrifice and the production of memory. *American Ethnologist*, 5 (4): 625-37.  
1993 Landscape as memory: the mapping of process and representation in a Melanesian society. In: Bender, B. (Ed.) *Landscape: Politics and perspectives*. Oxford, Berg. Press: 85-106.
- LE GOFF, J.  
1992 *History and Memory*. New York: Columbia University Press.
- SHANKS, M.; TILLEY, C.  
1982 Ideology, symbolic power and ritual communication. In: Hodder, I. (Ed.) *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 129-54.
- TILLEY, C.  
1996 *Metaphor and Material Culture*. Oxford: Blackwell.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2009.